

# A FORMAÇÃO DO LEITOR RELIGIOSO: PENTECOSTAIS E LEITURA NO BRASIL

**João Cesário Leonel Ferreira\***

*Resumo:* O artigo pesquisa a formação do leitor pentecostal brasileiro utilizando-se de teorias ligadas à história da leitura, tendo como *corpus* de análise a *Bíblia de estudo pentecostal*. Os diversos paratextos presentes na edição bíblica são analisados e discute-se sua influência sobre o leitor, configurando-o como um “leitor pentecostal”.

*Palavras-chave:* história da leitura; paratextos; leitor pentecostal.

## INTRODUÇÃO

■ **A** teoria e a crítica literárias, no contexto mundial e brasileiro, voltam-se cada vez mais para os estudos da recepção. De um lado, a estética da recepção discute como o leitor determina sentidos e, não poucas vezes, perverte intenções autorais. De outro, fazendo uso de teorias oriundas da história cultural, e particularmente da história da leitura, os pesquisadores analisam o fenômeno da recepção investigando como elementos concretos – grau de alfabetização, pertença a grupos sociais, ideologias, suportes de leitura etc. – interferem no processo de leitura e produção de sentido.

Este artigo situa-se no segundo grupo. Pesquisa como a leitura de um determinado grupo religioso é configurada a partir de certas estratégias editoriais e, em seguida, caracteriza tal grupo leitor. A questão que motiva este trabalho diz respeito à validade da especificação de grupos leitores e à forma de distingui-los. A resposta surge de uma opção teórica – a história da leitura – e de um estudo de caso: a análise da *Bíblia de estudo pentecostal* (doravante BEP)<sup>1</sup>.

\* Doutor em História e Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do curso de Letras e do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). E-mail: leonel@mackenzie.br. O autor agradece o apoio recebido do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sob forma de financiamento do projeto de pesquisa: “Sistema literário protestante brasileiro: imprensa, editoras e a formação do leitor”, do qual este artigo é um dos resultados.

1 Desde os anos 1980, o mercado editorial brasileiro tem visto o surgimento crescente de bíblias de estudo.

Este empreendimento justifica-se em virtude de os movimentos religiosos serem alvo de atenção no contexto brasileiro contemporâneo. Uma pesquisa DataFolha efetuada em 2007 (CARIELLO, 2007) indica que os evangélicos correspondem a 22% da população brasileira<sup>2</sup>. Dessa, 17% são pentecostais. Conforme o sociólogo Ricardo Mariano (2008, p. 69): “Agora, já são mais de 40 milhões de evangélicos presentes no país, dentre os quais cerca de 30 milhões são pentecostais. Isso faz do Brasil o país com o maior número de pentecostais do mundo”.

Os números do Censo de 2000<sup>3</sup> indicam que, no universo pentecostal, a maior igreja é a Assembleia de Deus<sup>4</sup>, com 8.418.154 membros<sup>5</sup>, quase quatro vezes maior do que a segunda denominação alistada, a Congregação Cristã no Brasil, com 2.489.079 (CENSO DEMOGRÁFICO 2000 apud MARIANO, 2008, p. 69). Portanto, é possível afirmar com boa dose de certeza que o leitor da Bíblia no Brasil é, em sua maioria, pentecostal, e, dentro desse grupo, membro da Assembleia de Deus.

A *Bíblia de estudo pentecostal*, que constituirá o *corpus* da pesquisa, é editada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). A editora foi fundada em 1940 no Rio de Janeiro, sendo uma das maiores editoras evangélicas em nosso país. Alguns números servem de parâmetro. Segundo o *site* oficial da editora, são publicados por trimestre 2,2 milhões de exemplares de revistas para educação religiosa de suas comunidades, e mais de 700 mil livros são vendidos anualmente. Seguindo o processo de expansão da editora, em 1997 foi organizado o Editorial Patmos, seu braço internacional com sede na Flórida, nos Estados Unidos (cf. NOSSA HISTÓRIA, 2011).

Ainda segundo o *site* da editora, a CPAD ocupa a liderança no mercado nacional de publicação de bíblias em várias versões, e apenas da BEP foram publicados mais de um milhão de exemplares, tornando-se o maior sucesso editorial do mercado evangélico brasileiro. Motivada pelas vendas, a editora lançou a BEP em CD-ROM<sup>6</sup>.

## ELEMENTOS TEÓRICOS DE ANÁLISE

Como mencionado anteriormente, o referencial teórico básico desta pesquisa é a história da leitura. Um de seus proponentes afirma que “os textos não existem fora dos suportes materiais (sejam eles quais forem) de que são os veículos” (CHARTIER, 2002, p. 61-62). Isso implica dizer que os leitores não leem textos apenas, mas textos em diversas formas de impresso e, mais recentemente, em telas de computadores, celulares e *tablets*. Tais “suportes materiais” exercem influência no processo de recepção.

2 A pesquisa contemplou brasileiros acima de 16 anos.

3 Não foi possível utilizar as informações do Censo 2010, uma vez que, segundo agenda divulgada, somente em junho de 2012 os dados relativos à religião estarão disponíveis. Mais informações estão disponíveis em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/calendario.shtm>>.

4 A Assembleia de Deus é uma denominação pentecostal que surgiu na cidade de Belém (PA), em 1911. Ela se caracteriza teologicamente pela crença no “batismo com o Espírito Santo”, experiência mística na qual, segundo o entendimento do grupo, o cristão é possuído pela plenitude do Espírito Santo, tendo como evidência o falar em outras línguas. Consequência do batismo com o Espírito Santo é a dádiva de “dons espirituais” pelo mesmo Espírito aos cristãos, capacitando-os para servirem a Deus. Outra doutrina característica da denominação é a “cura divina”, que afirma a contemporaneidade dos milagres e curas efetuadas por Jesus Cristo. Atualmente a Assembleia de Deus se divide em vários grupos denominados “ministérios”.

5 Passados 12 anos, os números devem ser bem maiores.

6 Informação disponível em: <[http://www.livrariacpad.com.br/Biblia-de-estudo-pentecostal-preta-luxo-media/Biblias/Obras-premiadas/570.html?acao=DT&prod\\_id=206568&dep=4737&secao=14856&pedido=43107665&marca=0](http://www.livrariacpad.com.br/Biblia-de-estudo-pentecostal-preta-luxo-media/Biblias/Obras-premiadas/570.html?acao=DT&prod_id=206568&dep=4737&secao=14856&pedido=43107665&marca=0)>.

Em geral, o responsável pela disposição do texto em livro é o editor ou editores. Nos casos em que o autor não está mais vivo, a liberdade editorial é maior, e sua importância faz-se sentir de modo mais explícito. Esse é o caso das diversas versões e traduções de bíblias disponíveis no mercado. O editor atua como um atualizador da mensagem bíblica para novos leitores. Tais intervenções são chamadas tecnicamente, conforme Genette (2009, p. 9-10), de “paratextos”.

Há dois níveis de ação editorial nas bíblias de estudo. Temos os editores do texto bíblico, nesse caso a tradução de João Ferreira de Almeida revista e corrigida. A versão em análise tem sua origem no final do século XIX e foi publicada pela primeira vez no Brasil em 1949 pela Sociedade Bíblica do Brasil, passando por várias atualizações, sendo a última em 2009. O texto utilizado na BEP é de 1995.

A interferência desses editores se dá no interior do texto bíblico mediante a inclusão de subtítulos que delimitam passagens bíblicas e funcionam como um resumo de seu conteúdo e na divisão do texto em capítulos e versículos, uma vez que, nos manuscritos gregos e hebraicos mais antigos, não havia tais recursos. Os editores também incorporam um elemento exterior ao texto por meio de referências bíblicas cruzadas que são utilizadas para vincular uma passagem bíblica a outra a fim de torná-las mais claras.

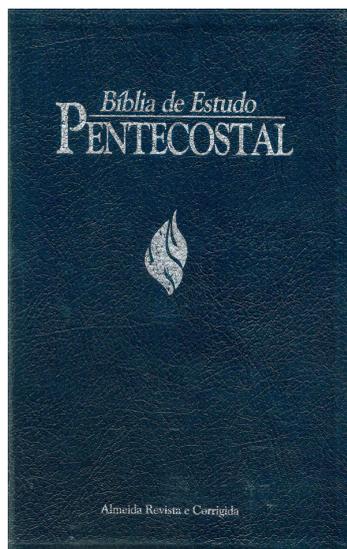
O segundo nível de intervenção editorial diz respeito especificamente às edições das bíblias de estudo. Nelas constam elementos paratextuais exteriores ao texto, como introduções aos livros bíblicos com explicações relativas a autoria, data, local de composição e estrutura da obra; notas marginais explicativas que podem trazer informações sobre aspectos históricos, sociais, gramaticais, teológicos e doutrinários de determinadas passagens; concordância bíblica com indicação de textos onde ocorrem termos importantes; mapas etc.

O último elemento teórico a ser mencionado é a relação entre texto e paratexto. Como já foi explicitado, a utilização de paratextos visa à adequação de uma obra aos seus leitores e, obviamente, à sua inserção no mercado editorial. No caso das bíblias de estudo, esse fator é intensificado, visto que a Bíblia, que pode ser considerada um texto “aberto”, uma vez que é foco de variadas interpretações teológicas, doutrinárias, históricas e literárias no decorrer dos séculos, é apropriada por um grupo religioso, a Assembleia de Deus, que impõe, via paratextos, marcas de leitura segundo sua doutrina.

Com base nos elementos teóricos alistados, será desenvolvida a análise da BEP. O objetivo é perceber como o editor, mediante um arsenal de elementos paratextuais, procura aproximar os leitores dessa versão bíblica e, por meio dela, constitui-los como leitores pentecostais da Bíblia.

### **BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL – PARATEXTOS**

Segundo Antonio Gilberto, editor da versão brasileira, o projeto da BEP, originalmente desenvolvido nos Estados Unidos, foi trazido para o Brasil cumprindo o desejo do editor-geral, Donald Stamps, que produziu as notas e os estudos quando aqui residiu. Em razão disso, algumas notas foram retraduzidas pelo próprio autor e outras são exclusivas da edição brasileira, tornando os paratextos contextualizados aos leitores pentecostais brasileiros (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005, p. 17).



Fonte: Acervo do autor.

**Figura 1** – *Bíblia de estudo pentecostal.*

Na análise dos paratextos, deter-me-ei naqueles exteriores ao texto, uma vez que os que estão inseridos no texto provêm dos editores da tradução de João Ferreira de Almeida e não dos editores da BEP.

O primeiro elemento paratextual a ser analisado é o “Índice de estudos doutrinários” (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005, p. 8). Conforme a seção “Como usar a *Bíblia de estudo pentecostal*” (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005, p. 19), “Os estudos tratam de temas de maior peso, e também mais amplos do que as notas. Geralmente ficam próximos aos grandes textos bíblicos relacionados com os assuntos dos estudos”. Podem-se perceber na lista temas comuns aos vários segmentos do cristianismo, como “A criação”, “A chamada de Abraão”, “A morte”, “A palavra de Deus”, “A Igreja” etc. No entanto, são veiculados temas próprios do pentecostalismo: “A cura divina”, “Sinais dos crentes”<sup>7</sup>, “O batismo no Espírito Santo”, “O falar em línguas”, “A doutrina do Espírito Santo”, “Provas do genuíno batismo no Espírito Santo”, “Dons espirituais para o crente”, “O arrebatamento da Igreja”. Tais especificações enfatizam a relação do cristão com o Espírito Santo e, como decorrência, sua capacidade para realizar atos sobrenaturais.

Outro paratexto é intitulado “Símbolos temáticos” (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005, p. 20). Sua importância é explicitada no índice dos símbolos: “Neste índice estão os doze símbolos temáticos e seus respectivos temas tratados nesta Bíblia, e também os textos onde eles aparecem através da Bíblia. Esses doze temas são de grande relevância no meio pentecostal” (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005, p. 10).

Novamente, como no paratexto anterior, há símbolos que poderiam ser utilizados por qualquer seguimento do cristianismo: “A salvação”, “A segunda vinda de Cristo”, “O fruto do Espírito Santo”, “A fé que remove montanhas”, “O evangelismo pessoal”, “O poder que vence o mundo”, “O louvor ao Senhor” e “O andar em obediência e santidade”. Outros, em oposição, caracterizam a fé e a doutrina pentecostal: “O batismo no Espírito Santo”, “A cura divina”, “Os dons espirituais” e “A vitória sobre Satanás e os demônios”.

O “Índice de símbolos temáticos” (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005, p. 10-13) dispõe os temas seguindo uma escala de importância decrescente: “O batismo no Espírito Santo”, “Os dons espirituais”, “O fruto do Espírito”, “A cura divina”, “A fé que remove montanhas”, “O evangelismo pessoal”, “A salvação”, “A segunda vinda de Cristo”, “A vitória sobre Satanás e os demônios”, “O poder que vence o mundo”, “O louvor ao Senhor”, “O andar em obediência e santidade”.

Fica evidente nos temas a prioridade dos elementos configurativos da doutrina pentecostal. Ademais, é possível identificar entre os temas e os estudos doutrinários elementos em comum que reforçam a identidade pentecostal:

### Quadro 1 – Estudos doutrinários e temas (BEP)

Estudos doutrinários	Temas
Termos bíblicos para a salvação	Salvação
O batismo no Espírito Santo	O batismo no Espírito Santo
A cura divina	A cura divina
Dons espirituais para o crente	Os dons espirituais
As obras da carne e o fruto do Espírito	O fruto do Espírito
Poder sobre Satanás e os demônios	A vitória sobre Satanás e os demônios
O relacionamento entre o crente e o mundo	O poder que vence o mundo
O louvor a Deus	O louvor ao Senhor
A santificação	O andar em obediência e santidade

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por fim, temos as notas marginais, que compreendem o maior volume de paratextos. No tópico “Como usar a *Bíblia de estudo pentecostal*”, há informações a respeito:

*As notas de estudo que aparecem no rodapé de quase todas as páginas da Bíblia de Estudo Pentecostal foram escritas sob o aspecto pentecostal, com a convicção de que a totalidade da mensagem, do padrão e da experiência de que deram testemunho Cristo e os apóstolos, é perpetuamente válida e disponível ao seu povo hoje* (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005, p. 19).

Além da repetição da informação disponível anteriormente, que esse elemento paratextual tem como base a doutrina pentecostal, há um esclarecimento a

respeito dessa doutrina. Para o editor, elemento central e aglutinador da doutrina é que o conteúdo escriturístico em sua totalidade está disponível aos cristãos contemporâneos. De modo concreto, isso significa que os pentecostais divergem dos protestantes tradicionais oriundos da Reforma especialmente a respeito da ação do Espírito Santo. Enquanto para os pentecostais o cristão recebe o batismo com o Espírito Santo, caracterizado por falar em línguas, e com ele dons espirituais, tendo como destaque a contemporaneidade de dons sobrenaturais como cura, profecia e exorcismo, para os protestantes reformados tais experiências estão restritas a Jesus Cristo e aos tempos apostólicos<sup>8</sup>.

Existem cinco classes de notas marginais:

1. *Notas expositivas*: explicam o significado de palavras, frases e versículos de muitas passagens basilares da Palavra de Deus.
2. *Notas teológicas*: definem e explicam as grandes doutrinas e verdades bíblicas, como a salvação, o perdão, o batismo, a perseverança dos salvos, o arrependimento, a santificação etc.
3. *Notas devocionais*: salientam a importância de o crente manter uma comunhão profunda com Deus – Pai, Filho e Espírito Santo – mediante a fé, obediência, oração e os muitos meios da graça divina.
4. *Notas éticas*: notas com um chamamento ao leitor para dedicar-se a Deus e à prática da retidão. Destacam a importância dos princípios bíblicos da abnegação, da vida santa, de seguir a Cristo, de separar-se do pecado, do discernimento entre o bem e o mal, e dos deveres para com Deus e para com o próximo.
5. *Notas práticas*: notas de conteúdo edificante para a vida cotidiana do crente. Contêm ensinamentos práticos sobre o batismo no Espírito Santo, a cura divina, a criação de filhos nos caminhos do Senhor, a luta espiritual do crente contra o mal, a vitória sobre a preocupação angustiada e sobre a tentação etc. (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005, p. 19).

Quando se observam as cinco classes, constata-se que temas centrais para o pentecostalismo já enunciados anteriormente estão inseridos no item 5. Ali estão: “o batismo com o Espírito Santo, a cura divina e a luta espiritual do crente contra o mal” (BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL, 2005, p. 19). Tal classificação indica que os temas, além de serem definidos como elementos doutrinários, são considerados e desenvolvidos nas notas como aspectos práticos da vida cristã. Essa é uma importante chave de leitura com presença constante na BEP.

O que se percebe na análise em conjunto dos paratextos é que eles desenvolvem com eficiência seu papel, uma vez que, conforme Philippe Lejeune (1975 apud GENETTE, 2009, p. 10), o paratexto é uma “franja do texto impresso que, na realidade, comanda toda a leitura”.

<sup>8</sup> Obviamente, há outros elementos e derivações nessa discussão teológica. No entanto, com base nos dados disponíveis na versão bíblica estudada, podemos considerá-los como centrais.

## A PRESENÇA DE PARATEXTOS NOS TEXTOS BÍBLICOS

Neste momento, o objetivo é averiguar como se dá a inserção dos paratextos junto aos textos bíblicos. Tomarei como exemplo parte do Capítulo 3 do Evangelho de Marcos, conforme Figura 2. Na página veiculada, estão ausentes os primeiros sete versículos e parte do oitavo, assim como os finais – de 32 a 35 – o que não prejudica a análise, uma vez que na porção transcrita estão os elementos que se pretende analisar.

Temos a ocorrência de dois paratextos: notas marginais e símbolos temáticos, além da menção aos estudos doutrinários. Ambos se completam e dão suporte um ao outro, além de aprofundarem sentidos em comum. É o que ocorre com o símbolo “Vitória sobre Satanás e os demônios”<sup>9</sup> presente duas vezes no texto. O primeiro recebe uma anotação ao final com a inserção do texto bíblico Mc 3.20-27, indicando que esse texto, que recebe o próximo símbolo temático, desenvolverá ou explicará o assunto da nota anterior. Já em Mc 3.20-27 aparece igualmente a anotação de um texto: Mc 5.1-16, que, por sua vez, trará complementos a esse texto.

Os símbolos temáticos operam uma intromissão na versão corrigida de Almeida. Esta divide o texto em blocos de unidade de sentido: 3.1-12, 3.13-19, 3.20-30 e 3.31-35. O editor da BEP mantém parcialmente tal divisão, mas interfere com a inserção de duas notas temáticas. Na primeira, divide praticamente dois blocos ao meio, criando uma unidade de leitura temática: 3.10-15. Na segunda, elimina os três últimos versículos, estabelecendo 3.20-27 como segmento temático de leitura. Obviamente tal segmentação altera o processo de recepção dos textos que, por um lado, perdem a capacidade narrativa de gerar sentidos conforme a intenção do autor e do editor da versão de Almeida, mas, por outro lado, ganham potência ao propor uma leitura focada no tema “Vitória sobre Satanás e os demônios”.

A cooperação paratextual se intensifica com a ação das notas marginais em relação às notas temáticas. Das quatro notas de rodapé, três se referem a textos incluídos nas notas temáticas visando esclarecer seus sentidos<sup>10</sup>. Ademais, as três notas marginais remetem o leitor a estudos doutrinários, incluindo, assim, outra categoria de paratexto no jogo de direcionamento e convencimento do leitor. Os estudos citados são: nota 3.10: “A cura divina”; nota 3.15: “Poder sobre Satanás e os demônios” e “Sinais dos crentes”; nota 3.27: “Poder sobre Satanás e os demônios”. Observa-se que das quatro citações a estudos doutrinários, duas referem-se ao “Poder sobre Satanás e os demônios”<sup>11</sup>, exatamente o assunto das duas notas temáticas presentes no texto<sup>12</sup>. Coerente com a estratégia editorial, a nota mais extensa está em 3.15, exatamente a que explica a expressão: “PODER DE... EXPULSAR OS DEMÔNIOS”, assunto das notas temáticas e dos estudos doutrinários já mencionados. Fecha-se, assim, o circuito de paratextos que envolvem, explicam e direcionam o sentido do texto bíblico para a interpretação pentecostal intencionada pelo editor da BEP.

9 Caracterizado pelo desenho de um pequeno raio à esquerda da Figura 2.

10 Os quatro textos são: 3.10, 3.15, 3.27, 3.29. Deles, apenas o último não está inserido em uma nota temática.

11 Aspecto a ser considerado é o fato de que, no caso específico desse estudo doutrinário, ele situa-se nas duas páginas seguintes (p. 1466-1467) à da imagem que estamos analisando, facilitando o acesso do leitor a ela.

12 Quanto à correlação entre esses dois paratextos, ver o Quadro 1.

Sidom; uma grande multidão que, ouvindo quão grandes coisas fazia, vinha ter com ele.

<sup>9</sup> E ele disse aos seus discípulos que lhe tivessem sempre pronto um barquinho junto dele, por causa da multidão, para que o não comprimissem,

<sup>10</sup> porque tinha curado a muitos, de tal maneira que todos quantos tinham *algum* <sup>3</sup>mal se arrojavam sobre ele, para lhe tocarem.

<sup>11</sup> E os espíritos <sup>4</sup>imundos, vendo-o, prostravam-se diante dele e clamavam, dizendo: Tu és <sup>5</sup>o Filho de Deus.

<sup>12</sup> E ele os ameaçava muito, para que não o manifestassem.

### A eleição dos doze

Mt 10.1-4; Lc 6.12-16

<sup>13</sup> E subiu ao <sup>6</sup>monte e chamou *para si* os que ele quis; e vieram a ele.

<sup>14</sup> E nomeou doze para que estivessem com ele e os mandasse a pregar

<sup>15</sup> e para que tivessem o poder de curar as enfermidades e expulsar os demônios:

<sup>16</sup> Simão, <sup>7</sup>a quem pôs o nome de Pedro;

<sup>17</sup> Tiago, *filho* de Zebedeu, e João, irmão de Tiago, aos quais pôs o nome de Boanerges, que significa: Filhos do trovão;

<sup>18</sup> André, e Filipe, e Bartolomeu, e Mateus, e Tomé, e Tiago, *filho* de Alfeu, e Tadeu, e Simão, o Zelote,

<sup>19</sup> e Judas Iscariotes, o que o traiu.

### A blasfêmia dos escribas

Mt 12.22-32; Lc 11.14-23

<sup>20</sup> E foram para uma casa. E afluíu ou-

<sup>3</sup> ou flagelo

**3.10 TINHA CURADO A MUITOS.** Ver o estudo A CURA DIVINA, p. 1402.

**3.15 PODER DE... EXPULSAR OS DEMÔNIOS.**

O propósito de Jesus ao vir à terra foi destruir as obras do diabo (1.27; 1 Jo 3.8) e libertar os oprimidos por Satanás e pelo pecado (Lc 4.18; ver o estudo PODER SOBRE SATANÁS E OS DEMÔNIOS, p.1466). Parte inerente a esse propósito foi o poder e a autoridade que Ele deu aos seus seguidores para continuarem a sua batalha contra as forças das trevas. Essa verdade é comprovada pelas observações abaixo.

(1) Está dito que depois de Jesus ter nomeado seus doze discípulos, deu-lhes poder de expulsar os demônios (vv. 14-15; cf. Mt 10.1). Depois de nomear os Setenta, Ele lhes deu poder sobre toda a força do inimigo (Lc 10.1,17-19; cf. Mt 10.1-8; Mc 6.7,13).

<sup>3.11:</sup> Mc 1.23-24; Lc 4.41; Mt 14.33  
<sup>3.11:</sup> Mt 12.16; Mc 1.25,34  
<sup>3.13:</sup> Lc 6.12; 9.1  
<sup>3.16:</sup> Jo 1.42

tra vez a multidão, <sup>8</sup>de tal maneira que nem sequer podiam comer pão.

<sup>21</sup> E, quando os seus parentes ouviram *isso*, saíram para o prender, <sup>9</sup>porque diziam: Está fora de si.

<sup>22</sup> E os escribas, que tinham descido de Jerusalém, diziam: Tem Belzebu e pelo príncipe dos demônios expulsa os demônios.

<sup>23</sup> E, chamando-os a si, <sup>10</sup>disse-lhes por parábolas: Como pode Satanás expulsar Satanás?

<sup>24</sup> Se um reino se dividir contra si mesmo, tal reino não pode subsistir;

<sup>25</sup> e se uma casa se dividir contra si mesma, tal casa não pode subsistir.

<sup>26</sup> Se Satanás se levantar contra si mesmo, e for dividido, não pode subsistir; antes, tem fim.

<sup>27</sup> Ninguém <sup>11</sup>pode roubar os bens do valente, entrando-lhe em sua casa, se primeiro não manietar o valente; e, então, roubará a sua casa.

<sup>28</sup> Na verdade vos digo que <sup>12</sup>“todos os pecados serão perdoados aos filhos dos homens, e toda sorte de blasfêmias, com que blasfemarem.

<sup>29</sup> Qualquer, porém, que blasfemar contra o Espírito Santo, nunca obterá perdão, <sup>13</sup>mas será réu do eterno juízo.

<sup>30</sup> (Porque diziam: Tem espírito imundo.)

### A família de Jesus

Mt 12.46-50; Lc 8.19-21

<sup>31</sup> Chegaram, então, *seus* irmãos e sua mãe; <sup>14</sup>e, estando de fora, mandaram-no chamar.

<sup>4</sup> Gr. mas é réu de um eterno pecado

(2) Os discípulos não foram somente enviados a pregar (v.14; Mt 10.7), mas também para manifestar o domínio, o poder e a autoridade do reino de Deus, ao batalharem contra Satanás, expulsando demônios e curando todos os tipos de doenças e enfermidades (Mt 10.1,7,8 notas).

(3) Marcos ensina que Jesus, depois da sua ressurreição, reenfazizou aos seus seguidores a missão de pregarem o evangelho, e terem autoridade sobre Satanás e os demônios (ver o estudo SINAIS DOS CRENTES, p. 1496).

**3.27 MANIETAR O VALENTE.** Ver o estudo PODER SOBRE SATANÁS E OS DEMÔNIOS, p. 1466.

**3.29 BLASFEMAR CONTRA O ESPÍRITO SANTO.** Ver Mt 12.31 nota.

Fonte: Acervo do autor.

**Figura 2** – Passagem bíblica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os protestantes brasileiros, desde sua inserção no Brasil em meados do século XIX até início dos anos 1980, praticavam não apenas a leitura da Bíblia, mas também tinham à disposição interpretações particulares segundo os vários segmentos denominacionais mediante sermões ouvidos ou lidos, livros de interpretação bíblica ou mesmo de obras biográficas nas quais os protagonistas demonstravam, em seu exemplo de vida, a interpretação prática de textos da Bíblia.

Do ponto de vista da leitura, o leitor relacionava-se com um texto aberto, o bíblico, diante do qual buscava sentidos a partir de suas vivências e contexto religioso. A interpretação específica da denominação era externa ao texto, e, dessa forma, a distância permitia maior liberdade de análise ao leitor.

Com o surgimento das bíblias de estudo, a situação começa a mudar. Agora o texto bíblico traz junto de si paratextos que procuram direcionar seu sentido. Do ponto de vista teórico e prático, o leitor é alvo de coerção sob uma leitura que é voltada a determinados fins. No caso da BEP, o alvo é torná-lo conhecedor e praticante dos conteúdos bíblicos que definem e orientam o cristão pentecostal assembleiano.

A BEP cumpre seu objetivo ao encaminhar o leitor para uma compreensão pentecostal da Bíblia. Isso se dá de duas formas. Pela ênfase no aspecto dogmático da doutrina pentecostal e no destaque à necessária vivência de tal doutrina. O leitor toma conhecimento e é dirigido praticamente a todo o momento a conteúdos doutrinários pentecostais. Ademais, ele é estimulado a colocar em prática tais ensinamentos. Não basta saber que Jesus venceu demônios e o diabo. O cristão pentecostal é estimulado a fazê-lo igualmente. Não é suficiente saber que o Espírito Santo atua sobre a igreja distribuindo dons espirituais. É necessário tomar posse deles, batizar-se no Espírito e falar em línguas.

Por sua vez, a preocupação intensa com a formação pentecostal do leitor produz prejuízos. Entre eles, o sacrifício do caráter narrativo do texto bíblico, exemplificado neste estudo pela divisão injustificada de dois blocos, formando um terceiro, a fim de enfatizar um aspecto doutrinário. E a quase ausência de notas explicativas de cunho gramatical, histórico e social sobre o texto e os costumes das sociedades nele representadas, em prol da ênfase em questões doutrinárias.

O que se percebe a partir da análise da BEP é que ela é fruto de um projeto muito bem desenvolvido. Pode-se mesmo, a título hipotético, propor que a ação dos paratextos, que é tão intensa, configuraria uma inversão de papéis. O texto bíblico se torna paratexto e os diversos paratextos se transformam em texto, uma vez que a leitura pentecostal da Bíblia é enfaticamente afirmada, assumindo o primeiro plano na obra e emergindo como ponto central na leitura da BEP. O papel dos textos bíblicos, dessa forma, seria o de confirmar aquilo que os paratextos afirmam.

Por fim, podemos dizer que a BEP permite identificar um leitor conhecedor dos elementos configuradores da doutrina pentecostal e disposto a vivenciá-los de forma prática sem questionar a atualidade ou pertinência desses elementos na sociedade contemporânea. Ao mesmo tempo, é um leitor que tem contato com fragmentos dos textos bíblicos, carecendo de uma leitura linear e contínua principalmente das narrativas bíblicas, conforme se explicitou neste trabalho.

**REFERÊNCIAS**

BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL (BEP). Edição revista e corrigida. Tradução João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.

CARIELLO, R. País altera mapa da fé, mas não a sua religiosidade. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 6 maio 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj0605200702.htm>>. Acesso em: 5 set. 2011.

CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. Tradução Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

GENETTE, G. *Paratextos editoriais*. Tradução Álvaro Faleiros. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.

LEJEUNE, P. *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

MARIANO, R. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. *Rever, Revista de Estudos da Religião*, São Paulo, v. 8, p. 68-95, dez. 2008. Disponível em: <[http://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_mariano.pdf](http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf)>. Acesso em: 5 set. 2011.

NOSSA HISTÓRIA. Descubra a CPAD – saiba como chegamos até aqui. Disponível em: <<http://www.cpad.com.br/institucional/integra.php?s=1&i=2>>. Acesso em: 6 set. 2011.

FERREIRA, J. C. L. The formation of religious reader: pentecostals and reading in Brazil. *Todas as Letras*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 217-226, 2012.

**Abstract:** *The article researches the formation of the Brazilian Pentecostal reader using theories related to the History of Reading. The corpus of analysis is the Biblia de estudo pentecostal. The several paratexts present in the biblical edition are analyzed and further then discussed about its influence on the reader configuring it as a “Pentecostal reader.”*

**Keywords:** *history of reading; paratexts; pentecostal reader.*

Recebido em fevereiro de 2012.

Aprovado em fevereiro de 2012.